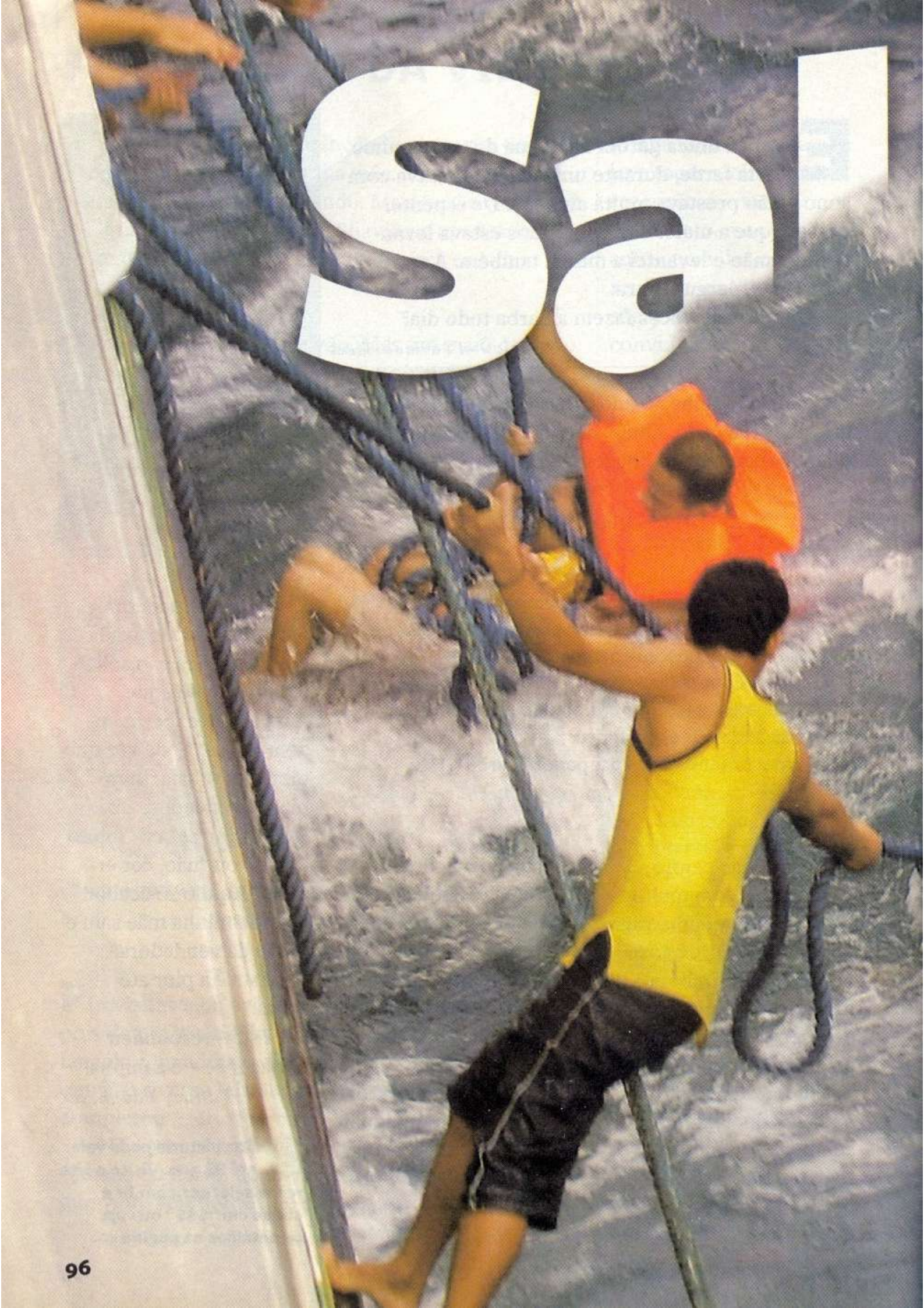



Sai!





veim Iris

**“Você
não vai
morrer
hoje”,**

**disse o surfista à menina de 13 anos
enquanto ela lutava contra as ondas.
Mas ele conseguiria manter a promessa?**

POR JIM HUTCHISON

Alex Montenegro e Carmen Tuting embarcaram na barçaça *Maria Sophia*, de 300 toneladas, usada no transporte de carros, e se acomodaram em seus assentos na cabine com ar-condicionado. Eles iam de Surigao City, nas Filipinas, à Ilha Siargao, cerca de 700 quilômetros ao sul de Manila, no último trecho de uma lua-de-mel de três meses ao redor do mundo.

Montenegro, 36 anos, surfista experiente de Monterey, na Califórnia, estava ansioso para pegar as lendárias ondas de Cloud Nine, principal local de prática de surfe do país. O casal se encontrara quando ele tirou uma licença do trabalho de gerência de hotel em São Francisco e passou quatro anos fazendo um trabalho de assistência e conscientização cristã junto a crianças de rua filipinas.

Indo também para a Ilha Siargao naquela tarde de 25 de novembro de 2006 estava Iris Sidrol, 13 anos, e vinte de suas colegas de escola que haviam passado quatro dias numa competição de redação em Surigao City. Iris cochilava quando a barca em que viajavam, a *Leonida II*, acelerava, afastando-se em direção à pequena cidade de Del Carmen. Do lado de fora da janela, rajadas de chuva, vento e correntezas atiravam as ondas no Estreito Surigao, temido por homens do mar por causa das condições meteorológicas e ondas imprevisíveis.

Após pouco mais de uma hora de viagem, às 14h20, Iris foi despertada aos solavancos, quando uma onda traiçoeira atingiu de lado a barca de madeira de 37 metros de comprimento,

atirando-a sobre o lado de estibordo. “Que Deus nos ajude!”, ela gritou, quando outra onda despencou dentro da barca e a fez emborcar.

Apanhada por um turbilhão de bancos, tanques de propano, carga e bagagem, Iris lutou para se deslocar, em meio à água suja, até uma janela aberta da cabine e se espremer para passar por ela. Nauseada por causa do óleo *diesel* e da água salgada, emergiu e se agarrou à proa. À sua volta, sobreviventes aos gritos e corpos boiando.

Então, a popa da barca começou a afundar. “De novo, não...”, Iris soluçou. Cinco anos antes, a então menina de 8 anos de idade fora atirada ao oceano, quando outra embarcação naufragara. No último segundo, ela havia sido salva pela irmã, mas o incidente deixara Iris com pesadelos e pavor do mar.

Nesse momento, ela se agarrou a um contêiner plástico de *diesel* que passou flutuando. Outros também se agarraram, e a soma do peso das pessoas fazia submergir parcialmente o contêiner, do tamanho de uma mala de viagem, tornando difícil se segurar quando ele vinha à tona.

Iris olhava desamparada para o litoral que se afastava, quando a correnteza os varreu para o mar. Dez minutos depois, a barca deslizou para baixo das ondas. Nenhuma das sete pessoas agarradas ao contêiner sabia nadar. Engasgando-se e arfando em busca de ar, elas eram engolfadas por uma onda atrás da outra.

Depois de 15 minutos, o adolescente que estava ao lado de Iris desapareceu; em seguida, uma garota se despreendeu



(Acima) Alex Montenegro luta para levar Iris até a *Maria Sophia*; (à esquerda) Iris com a colega de escola e também sobrevivente, Catherine, em um dia mais calmo.

e também sumiu. Então, uma mulher sucumbiu, e seu corpo ficou flutuando por perto. Agora, apenas Iris, Nikki Yee, 10 anos, e uma moça se seguravam ao contêiner, junto do diretor da escola, Bryan Medrano, semiconsciente por causa de uma pancada na cabeça provocada pelo estabilizador da embarcação que afundava. Os quatro lutavam para manter a cabeça acima

d'água, enquanto eram arrastados para longe do grupo maior de sobreviventes. “Senhor, envie alguém para nos salvar”, Iris rezava em voz alta.

Alertado quanto ao acidente com a *Leonida II*, o capitão Juan Manalo virou a *Maria Sophia* e seguiu a pleno vapor em direção aos sobreviventes que se debatiam nas águas.

Quando a barcaça se aproximou, Alex e Carmen estavam de pé no convés superior e viram uma cena horrível. Mais de 60 pessoas estavam espalhadas por uma área de um quilômetro quadrado de oceano encrespado, agarrando-se a destroços ou batendo as pernas na tentativa de boiar entre os cadáveres.

Indo em direção ao grupo maior, o capitão Manalo conduziu a grande barca, lenta e cuidadosamente, para tão perto dos sobreviventes quanto pôde, mas, por causa da correnteza e das lufadas de vento, manobrar a pesada embarcação em baixa velocidade era quase impossível. Mesmo assim, cerca de doze pessoas conseguiram nadar até ela e subir com dificuldade, por cordas, até o convés inferior de carga.

Então, a barcaça foi impelida pelo vento, forçando o capitão a virar de bordo em uma volta de um quilômetro de extensão, para poder fazer uma outra passagem pelo local. Montenegro observava horrorizado, enquanto gente se afogava diante de seus olhos.

“Peguem suas pranchas! Vamos trazer algumas pessoas para a barcaça”, Mick Fotiades gritou para Montenegro, a quem vira carregando duas pranchas de surfe para bordo. Jimmi Charlton, outro surfista australiano e um bem treinado salva-vidas, desceu para um convés inferior e mergulhou,



Montenegro sabia que sua mulher Carmen não deixaria a *Maria Sophia* partir enquanto ele estivesse na água, resgatando os sobreviventes.

nadando para ajudar uma mulher que se afogava.

Montenegro, percebendo que mesmo um homem robusto de 90 quilos e 1,83 m como ele poderia ser arrastado para baixo por vítimas desesperadas, decidiu manter-se à distância do grupo numeroso. Avistando uma mulher sozinha em apuros, agarrou uma de suas pranchas e pulou de pé na

água. Mick pulou em seguida, e passageiros da *Maria Sophia* lhe atiraram a outra prancha.

Montenegro não conseguia encontrar a mulher sozinha, mas vislumbrou cabeças e braços de crianças se debatendo a uns 30 metros à esquerda. Quando avançou naquela direção, o grupo foi engolfado por uma onda e submergiu. *Eu só vou ter uma chance*, pensou, remando vigorosamente com os braços.

Então pulou na água, puxou Medrano e Nikki para cima, e os colocou atravessados na prancha. Desejando que tivesse mais mãos, agarrou a moça pela blusa, empurrando-a para a prancha. Com o outro braço, procurou Iris, apalpando na água.

Vergada sob o peso dos jeans e da camiseta de algodão encharcados, Iris estivera na água por 30 minutos. No limite da resistência, sabia que iria afundar pela última vez. Quando afundou, apertou os olhos e rezou com fervor.

E então, agarrada pelos longos cabelos, foi puxada do fundo e jogada como um saco de arroz sobre uma prancha de surfe. Balbuciando, ergueu o olhar, mirando os olhos verdes de Montenegro, e desabafou:

- Nosso barco afundou. Esta é a segunda vez que eu me afogo!

- Você não vai morrer hoje - prometeu o surfista.

Montenegro lutava para mantê-los à tona. Medrano e a moça continuavam a escorregar para o mar. Nadando ao lado deles, várias vezes precisou empurrá-los de volta à prancha.

Mick remava com os braços, levando uma garota de 12 anos apoiada sobre sua prancha. "Catherine!", Iris gritou, emocionada por ver que sua colega de escola estava viva. Charlton nadou para perto com uma senhora que encontrara agarrada a um garrafão plástico de água.

Ao todo, seis pessoas agora se agarravam às pranchas de Montenegro, o que os fazia afundar na água o equivalente ao comprimento de um braço. Quando a *Maria Sophia* chegou a cerca de cem metros daquele amontoado de gente, não havia como avançar com as pranchas. Mick e Charlton decidiram levar as pessoas para a barcaça de duas em duas, sobre uma prancha apenas.

Eles partiram com Medrano e a mulher mais jovem. Para surpresa dos dois surfistas, a senhora, corajosamente, veio nadando cachorrinho atrás deles.

Da lateral da barcaça, atiraram cordas às duas mulheres, que as escalaram com dificuldade, semiconscientes; Medrano estava esgotado para lutar sozinho. Os surfistas o amarraram a uma bóia e o conduziram seis metros acima, para o convés de carga.

Quando se voltaram para pular fora da barcaça e resgatar as três garotas que permaneciam na água, Medrano afundou em seus braços. Charlton tomou-lhe o pulso. Muito fraco. E ele não estava respirando. "Ele vai morrer!", alertou, virando-o de lado para eliminar a água das vias respiratórias e dos pulmões.

Quando conseguiram reanimar Medrano, a barcaça tinha sido nova-

mente impelida para longe, deixando Montenegro e as três garotas agarrados à prancha de surfe no mar aberto. As meninas já estavam na água havia mais de 45 minutos.

– Eles estão nos abandonando! – gritou Iris, apavorada.

– Minha mulher está naquela embarcação. Prometo a você que ela não vai nos deixar aqui – Montenegro tranquilizou-a.

Nesse momento, Montenegro percebeu um brilhante arco-íris formado a partir do ponto onde a *Leonida II* submergira. “Olhem aquilo!”, apontou, tentando distrair as meninas. “Vocês conhecem a história da Arca de Noé?”

Assustadas, as três disseram que não. Montenegro então lhes contou a história bíblica do grande dilúvio, revelando que o arco-íris era o símbolo da promessa de Deus a Noé. “Concentrem o pensamento naquele arco-íris e vocês ficarão bem.”

Eu confio neste homem, pensou Iris. E pela primeira vez ousou acreditar que sobreviveria.

Fazendo outra volta, o capitão Manalo trouxe a barcaça cuidadosamente para o lado deles. Segurando-se à prancha com uma das mãos, Montenegro tentou agarrar uma corda, mas a forte correnteza os arrastava para a proa, ao longo do casco da embarcação. Um tripulante curvou-se para fora, na tentativa de pegá-los, e caiu no mar.

“Agüentem firme!”, Alex gritou quando foram sugados para baixo da rampa de embarque dos carros, uma

prancha de aço maciço que se elevava em um ângulo de 45 graus. A correnteza os imprensava contra o vértice escuro e enferrujado onde a rampa se encontrava com a água.

Subindo e descendo nas ondas, o casco despencava logo acima da cabeça deles com um estrondo ensurdecido. Não importava o quanto Montenegro chutasse, a prancha continuava encravada no exíguo espaço. Ele sabia que era apenas uma questão de tempo até que o casco da barcaça caísse com força e os esmagasse.

O instinto dizia que largasse a prancha e nadasse para se libertar, mas ele não queria abandonar as meninas. *Eu lhes prometi que sobreviveriam*. Ele desesperadamente dava chutes na água contra a correnteza, e as garotas seguiam seu exemplo.

Nesse momento, a correnteza virou, empurrando-os para longe da barcaça. O capitão manobrou a *Maria Sophia* em outra longa curva.

Montenegro estava muito abalado. Por pouco, a embarcação que deveria salvá-los não os matara.

A correnteza e o vento aumentavam, enquanto eles flutuavam desamparados. As crianças, tremendo de frio – estavam na água havia mais de uma hora –, ficavam cada vez mais fracas. *Preciso de ajuda*, pensou Montenegro.

Inesperadamente, o tripulante que caíra ao mar nadou em direção a eles, usando um colete salva-vidas. Montenegro não podia acreditar. “Como estou feliz em vê-lo!”, disse, extenuado. Agora tinham uma chance.

A barcaça estava voltando. Dessa vez, Montenegro tinha um plano. Quando a *Maria Sophia* passou rapidamente por perto, ele se agarrou a uma protuberância do casco com uma das mãos e firmou a prancha com a outra, enquanto o tripulante passava uma corda em torno de Nikki. Do barco, puxaram-na para cima. Um minuto depois, Catherine também estava a salvo a bordo.

Concentrado em Iris, Montenegro não percebeu que a correnteza os puxava de onde o tripulante estava em direção à popa. Sem aviso, foram lançados na turbulência da enorme hélice. Iris gritou quando se desprende e caiu entre a prancha e o casco da embarcação. Montenegro agarrou-a pela blusa com uma das mãos e segurou-se à prancha com a outra.

Por dez longos segundos, a correnteza os arrastou em direção à hélice. Então, como se estivessem em uma corredeira, a turbulência os arremessou para longe do perigo e os fez retornar, rodopiando, em direção à proa.

Montenegro abriu caminho de volta para onde o tripulante estava e, juntos,

amarraram uma corda em torno de Iris. Montenegro sentiu uma grande alegria quando a menina foi içada para bordo, o tripulante seguindo depois dela. Após prender duas cordas em torno do próprio corpo, o surfista também foi guinchado para o convés de carga. Enquanto ele permanecia deitado – encharcado e arquejante –, os passageiros batiam palmas e comemoravam.

Carmen correu até Montenegro, mais grata do que palavras poderiam exprimir por ter o marido de volta. “Onde estão as meninas?”, ele perguntou. Carmen o conduziu às três garotas, que tiritavam de frio no convés superior.

– Eu disse que vocês não iriam morrer hoje – reafirmou ele com um sorriso.

– Obrigada por nos salvar – as tímidas meninas falaram em coro.

Trinta e três pessoas morreram quando a Leonida II naufragou, mas, graças aos esforços de Alex Montenegro e outros da Maria Sophia, 66 pessoas foram salvas.

NOVA MEDALHA PARA O QUADRO

Quando nossos cinco filhos acabam suas tarefas matinais, eles apostam uma corrida do celeiro até a casa. O primeiro a chegar grita: “Ouro!”; o segundo “Prata!”; o terceiro “Bronze!” e o quarto, “Pedras preciosas!”.

Outro dia, como sempre, Adrian, o caçula de 3 anos, chegou atrás dos outros quatro. Ao chegar na porta ele pensou

um instante e então gritou: “Plástico!” *Grace Vander Meulen, Canadá*

